

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Decepção e esperança seriam opiniões de Paulo Freire a respeito do governo Lula, acredita viúva do educador, responsável pela memória do pernambucano

Flávio Amaral*

De sonhos e de ilusões

■ “Paulo Freire estaria triste, um pouco decepcionado, mas ainda teria esperança no governo Lula.” É o que pensa a educadora Ana Maria Araújo Freire, mais conhecida como Nita, viúva do educador cuja morte completa sete anos este mês. Ela lembra que Paulo sempre defendeu que o povo tinha de assumir o poder e que ele certamente teria ficado muito satisfeito com a eleição de um operário com apenas quatro anos de escolaridade, superando as discriminações. Mas Paulo Freire acreditava que, quando um representante do povo chegasse ao poder, deveria reestruturá-lo, restabelecê-lo e recriá-lo. “E não é isso o que tem acontecido até agora no governo Lula”, lamenta Nita.

Paulo Freire – autor, entre tantas obras, de *Pedagogia do Oprimido* – era um esperançoso. Segundo a viúva, ele estaria dizendo: “Vamos ver quais são os limites, analisar os caminhos possíveis, detectar as dificuldades e torcer para que o governo caminhe para uma verdadeira democracia, que leve ao desenvolvimento,

a uma melhor divisão de renda e a tantas outras coisas que precisam ser solucionadas no Brasil.”

Nita faz questão de ressaltar a importância de Paulo Freire para a eleição de Lula. Satisfeita ao ler um artigo de Frei Betto em que ele reconhecia o esforço de Paulo Freire pela “construção de um ambiente favorável para que Lula pudesse se eleger”, Nita defende que o mestre sempre lutou pelo respeito ao diferente e pelo direito do povo a ter voz e a se biografar. “Paulo sempre disse que ninguém tem o direito de ser o que nasceu, viveu e morreu sem saber o que foi, sem ter feito história”, relembra. “Ninguém pode ser um caderno vazio, todos nascem para contribuir e transformar a história.” Dentro dessa lógica, Lula seria motivo de orgulho e satisfação para o educador.

Esforços vazios – O educador otimista teria, no entanto, motivos para tristeza quando olhasse o quadro da educação no governo Lula, diz Nita Freire. Ela até reconhece o empenho do ex-ministro Cristovam Buarque, mas

Decepção e esperança seriam opiniões de Paulo Freire a respeito do governo Lula, acredita viúva do educador, responsável pela memória do pernambucano

Flávio Amaral*

De sonhos e de ilusões

■ “Paulo Freire estaria triste, um pouco decepcionado, mas ainda teria esperança no governo Lula.” É o que pensa a educadora Ana Maria Araújo Freire, mais conhecida como Nita, viúva do educador cuja morte completa sete anos este mês. Ela lembra que Paulo sempre defendeu que o povo tinha de assumir o poder e que ele certamente teria ficado muito satisfeito com a eleição de um operário com apenas quatro anos de escolaridade, superando as discriminações. Mas Paulo Freire acreditava que, quando um representante do povo chegasse ao poder, deveria reestruturá-lo, restabelecê-lo e recriá-lo. “E não é isso o que tem acontecido até agora no governo Lula”, lamenta Nita.

Paulo Freire – autor, entre tantas obras, de *Pedagogia do Oprimido* – era um esperançoso. Segundo a viúva, ele estaria dizendo: “Vamos ver quais são os limites, analisar os caminhos possíveis, detectar as dificuldades e torcer para que o governo caminhe para uma verdadeira democracia, que leve ao desenvolvimento,

a uma melhor divisão de renda e a tantas outras coisas que precisam ser solucionadas no Brasil.”

Nita faz questão de ressaltar a importância de Paulo Freire para a eleição de Lula. Satisfeita ao ler um artigo de Frei Betto em que ele reconhecia o esforço de Paulo Freire pela “construção de um ambiente favorável para que Lula pudesse se eleger”, Nita defende que o mestre sempre lutou pelo respeito ao diferente e pelo direito do povo a ter voz e a se biografar. “Paulo sempre disse que ninguém tem o direito de ser o que nasceu, viveu e morreu sem saber o que foi, sem ter feito história”, relembra. “Ninguém pode ser um caderno vazio, todos nascem para contribuir e transformar a história.” Dentro dessa lógica, Lula seria motivo de orgulho e satisfação para o educador.

Esforços vazios – O educador otimista teria, no entanto, motivos para tristeza quando olhasse o quadro da educação no governo Lula, diz Nita Freire. Ela até reconhece o empenho do ex-ministro Cristovam Buarque, mas



Acervo: Nita, Ana Maria Araújo Freire

Paulo Freire com Lula durante as prévias para a eleição de 1989: o presidente, motivo de orgulho, a educação, de tristeza

considera que o esforço foi, quase sempre, equivocado. Paulo Freire tinha uma grande esperança no PT, desde o surgimento do partido. Em 1989, assumiu a Secretaria da Educação da capital paulista após a eleição de Luiza Erundina (hoje deputada pelo PSB) para a prefeitura de São Paulo. Não por acaso, ele já recebeu duas grandes homenagens do atual governo federal: a inauguração de uma estátua em frente ao Ministério da Educação e o batismo do Prêmio Paulo Freire. Para a viúva, porém, a valorização de seu marido foi mais no discurso do que na prática. “A compreensão da educação freireana não entrou sequer no projeto *Brasil Alfabetizado*.”

Nem é preciso mergulhar fundo na prática pedagógica do projeto de alfabetização do governo federal para notar confrontos com os ideais do educador. “Sooou muito estranho para mim o nome Secretaria Nacional de Erradicação do Analfabetismo, pois o termo erradicação vai contra tudo aquilo que Paulo defendeu”, diz Nita.

Ela explica, misturando o pensamento do marido a sua própria experiência de educadora e ex-professora de história da educação: “Nos anos 20, o analfabetismo era dito textualmente na política pública como cancro negro, cegueira, vergonha, erva daninha e tantos outros termos pejorativos. São conceitos elitistas e discriminatórios e de nada servem para um projeto de alfabetização.” Segundo Nita, Paulo Freire não usava o termo analfabeto. Preferia alfabetizando, pois acreditava na força e na ação que as palavras carregam. “O termo erradicação, na secretaria do governo Lula, traz essa concepção de 80 anos atrás, de que o analfabetismo é uma doença que precisa ser erradicada. Isso não é bom.”

A viúva conta que o senador Cristovam Buarque chegou a conversar com ela duas vezes quando minis-

dagógico que o país adquiriu. Segundo ela, a infância brasileira “continua sendo medida por réguas estrangeiras”, inadequadas para a função. “A infância, em qualquer parte do mundo, se desenvolve de acordo com a cultura local.” Segundo a professora, o conhecimento pedagógico adquirido pelo Brasil é mais reconhecido no exterior do que aqui dentro.

Nita Freire concorda. A obra de seu marido foi traduzida em inúmeras línguas, sua prática pedagógica é conhecida e praticada em diversos países. A importância do educador é reconhecida em toda a Europa, Ásia, África e se dissemina pela América. Quando vai a Cuba, a viúva é “tratada como rainha”, conforme suas palavras. Entretanto, ela ecoa uma queixa comum entre os brasileiros que fazem sucesso no exterior. “Há uma certa inveja do sucesso de Paulo. Nos outros países, quem consegue consagração internacional é mais reconhecido.”

A viúva continua seu trabalho de perpetuar a memória de Paulo Freire. Segue percorrendo o mundo fazendo palestras sobre o educador, cuida pessoalmente da reedição de suas obras e organiza todo o acervo pessoal dele, pesquisando e buscando novos dados para a confecção de sua biografia. Ela também acompanha, na medida do possível, o trabalho dos discípulos do educador.

“Paulo nunca quis ter seguidores, pessoas que cultuassem um pensador morto, reproduzindo e recopiando suas palavras. Ele gostaria de ter uma legião de pessoas que reinventassem sua obra.” Sem querer citar nomes, por razões éticas, Nita aponta que há os que honram o desejo de Paulo Freire, mas há também os que apenas reproduzem suas teorias e os que distorcem totalmente a filosofia do educador. Mesmo estes, porém, cumprem um papel na missão de “manter viva a obra e a memória de Paulo Freire”.

*Da Agência Repórter Social

Leia mais sobre o pensamento de Paulo Freire na edição especial que acompanha a revista, este mês, com texto do educador Mario Sergio Cortella.

SERVIÇO

Espaço Paulo Freire

Av. Itororó, 593 – Cidade Nova – Indaiatuba (SP)

Tel.: (19) 3816-5538

PENSAMENTO VIVO

Inaugurado em Indaiatuba (SP), Espaço Paulo Freire reúne fotos e livros e terá, a partir deste mês, palestras de especialistas

Em março deste ano, Nita Freire inaugurou o Espaço Paulo Freire. Situado na sobreloja da Villa das Palmeiras Livros & Cultura, em Indaiatuba, interior de São Paulo, o espaço pretende ser mais uma iniciativa para perpetuar a memória do educador. Decorado com fotos de Paulo Freire e livros de sua autoria traduzidos para vários idiomas, o espaço será palco, a partir deste mês, do *Tributo a Paulo Freire*.

Composto de palestras voltadas para professores das redes pública e privada de Indaiatuba, Campinas e região, o tributo será aberto no dia 15, pela manhã, por Nita Freire. A programação prosseguirá com uma série de palestras reunindo educadores e especialistas em pedagogia. Entre os palestrantes que já confirmaram presença estão João Wanderley Geraldi (22 de maio), Mario Sergio Cortella (5 de junho) e Ivanilde Apoluceno de Oliveira (19 de junho).

Sociedade de Nita com seu filho do primeiro casamento, a loja funcionará como uma livraria normal, com a única diferença de disponibilizar ao público a obra completa de Paulo Freire. Além de vender livros, o objetivo é que o lugar seja um espaço cultural. Apresentações de palhaços para as crianças, recitais de jazz e música erudita, exibição de filmes seguida por debates e lançamentos de livros serão constantes na programação.

Na inauguração do espaço, Nita relançou o livro *Cartas a Cristina – Reflexões sobre Minha Vida e Minha Práxis*. A obra reúne correspondências escritas por Paulo Freire a sua sobrinha, relatando passagens marcantes de sua vida. Para a viúva, “é uma obra fundamental para entender como surgiu e se consolidou aquele que um dia viria a ser conhecido no mundo todo como Paulo Freire”.